

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

MÔNICA CRISTINA COMBAT BARBOSA

A TRANSCENDÊNCIA DA PELE:
CORPOREIDADE EM TEMPOS HIPERMODERNOS – UMA REFLEXÃO
FENOMENOLÓGICA

BELO HORIZONTE
2019

MÔNICA CRISTINA COMBAT BARBOSA

**A TRANSCENDÊNCIA DA PELE:
CORPOREIDADE EM TEMPOS HIPERMODERNOS – UMA REFLEXÃO
FENOMENOLÓGICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Dra. Maria Madalena Magnabosco

BELO HORIZONTE
2019

150 Barbosa, Mônica Cristina Combat
B238t A transcendência da pele [manuscrito] : corporeidade em
2019 tempos hipermodernos – uma reflexão fenomenológica /
Mônica Cristina Combat Barbosa. - 2019.

38 f.

Orientador: Maria Madalena Magnabosco.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1.Psicologia.2.Fenomenologia. I. Magnabosco, Maria
Madalena. II.Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA:
GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que **Monica Cristina Combat Barbosa** matrícula **2018700582**, concluiu em **24/05/2019** o **Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial**, iniciado em Março de 2018. Trata-se de **Pós-Graduação *latu sensu***, promovida pelo Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, de acordo com a Resolução CNE/CES 01/2007. A referida aluna cumpriu a carga horária total exigida de 360 horas em disciplinas e defendeu perante banca examinadora a monografia, tendo sido aprovada.

Belo Horizonte, 27 de setembro de 2019

Valteir G. Ribeiro

Secretário do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e
Análise Existencial

www.fafich.ufmg.br/~cepc/

cepc@fafich.ufmg.br

À minha filha Amanda, digna de ser amada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora e referência como pessoa e na área, à querida Dra. Maria Madalena Magnabosco, por me acompanhar com carinho e apoio constantes. Sua confiança em mim me agraciou intensamente. Sempre ‘floresço’ com você por perto.

Aos professores do curso, excelentes mentores e inspiradores de ricas reflexões, em especial, Dra. Cláudia Maria Lins e o Dr. Paulo José Giovanetti, duas pessoas ímpares e genuínas em saberes, graça e leveza.

Ao meu marido Fábio, pela parceria e aposta na minha pessoa e profissão. À minha querida filha, por ser fonte de inspiração e amor.

À minha mãe, que sempre torce por mim e me abençoa, e que me ajudou muito na logística dos sábados.

À minha irmã Patrícia pelo apoio e torcida.

Aos amigos e inseparáveis companheiros de tardes e almoços calorosos, Tânia e Fernando, sem vocês não teria sido tão suave e acolhedor esses tempos de dedicação aos estudos.

A Deus, um agraciador e norte de vida, minhas orações e intensões fortuitas de agradecimentos.

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

O presente estudo aborda a questão da corporeidade a partir da pele e de sua transcendência, analisada fenomenologicamente, tendo como recurso articulador o filme 'A pele que habito', e como cenário reflexivo e social subjacente, a hipermodernidade entrecortada por diversas variáveis e contingências. Diante dos ditames próprios de uma sociedade fluida, de consumo e exacerbações, o corpo, circunscrito por sua pele e existencialidade, tem como prerrogativas as possibilidades de transcendência. Isso pode se dar quando 'o habitar' uma pele habita sentidos norteadores de vida, para além das medidas imputadas a este corpo vivido, íntimo e afetivo, que, inclusive, precisa manter sua singularidade e presença como ser-no-mundo e ser próprio, apropriado de si mesmo e ao mesmo tempo transcendente à sua pele.

Palavras-chave: corporeidade, hipermodernidade, fenomenologia.

ABSTRACT

The present study approaches the question of corporeity from the skin and its transcendence, assayed phenomenologically, having as an articulating resource the movie 'The skin I live in', and as an underlying social and reflexive scenario, hypermodernity intersected by several variants and contingencies. Faced with the dictates of a fluid society, consumption and exacerbations, the body, circumscribed by its skin and existence, has as prerogatives the possibilities of transcendence. This can occur when 'inhabiting' a skin means to inhabit guiding meanings of life, beyond the measures imputed to this lived, intimate and emotional body, which also needs to maintain its uniqueness and presence as being-there-in-the-world and to be itself, appropriated of itself and at the same time transcendent to its skin.

Palavras-chave: corporeity, hypermodernity, phenomenology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Hipermodernidade – o cenário	12
2.2 Corporeidade	14
2.3 O filme ‘A pele que habito’ - ponto de partida	21
2.4 A questão da transcendência	25
2.5 A transcendência da pele – uma reflexão fenomenológica	26
3. METODOLOGIA	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Em tempos hipermodernos, em que tudo está acontecendo a uma velocidade infinitamente maior, o mundo e a vida se articulam nos avanços e nos retrocessos vigorosos do progresso da humanidade (LIPOVETSKY, 2004). Nessa perspectiva, o corpo como uma morada do ser, como corpo vivido, como 'pele' que incorpora um habitar¹, tem sua prospecção afetiva e temporal posta em ditames e medidas² que capturam sua essência e podem destoar os seus sentidos e singularidades.

Submersos e capturados pelos trâmites das novas tecnologias, uma sociedade hipermoderna que prima pelo individual, também compactua e assinala um coletivo, que de modo imperativo, se apodera do singular em detrimento ao público 'medido' e, esse, por diversas vezes, tem sido tomado como referência e modelo, inclusive, como sendo um único parâmetro. Nesse sentido, há que se considerar um possível distanciamento de si mesmo, ainda que o ser habite a si mesmo, em sua própria pele.

Nessa seara, o exacerbado das contingências do corpo, no corpo e na vivência afetiva do mesmo, subjaz a ele, em uma identidade que, por vezes, não tem conseguido transcender a si mesma. A noção de transcendência, partindo-se do pressuposto do sentido semântico da palavra, tem-se que esta faz menção aos aspectos de perspicácia e sagacidade, o que pelo vulgo, postula-se estar acima da média, em busca do seu próprio sentido de existência, conforme indica o *Dicionário Aurélio Online de Português*.

1 O filme 'A pele que habito' de Pedro Almodóvar (2011) foi usado na narrativa das reflexões aqui propostas como cenário articulador para uma análise fenomenológica sobre corporeidade em tempos hipermodernos. (Vide referências)

2 O termo 'medida', segundo dicionário Aurélio de Português Online significa: determinar a extensão ou a quantidade; ter determinada extensão ou medida; determinar o valor, a importância de; fazer avaliação; estender a vista por; olhar provocativamente; ter tento, moderação; contar as sílabas de um verso; bater-se com outrem; competir, rivalizar. Pesquisa disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/medida>. Acesso em: 16 set. 2018.

A importância da definição da palavra se fez necessária, pois a mesma foi tomada como ponto de indagação da pesquisa, cuja hipótese postulada da vivência de corpo na hipermodernidade, tem, em si, como inferências pré-textuais, possibilidades de categorias de sentido a ser construída (possibilidades de transcendência), como forma de entendimento fenomenológico de cada acepção dada a ideia de medida, que, a pesquisa buscou, inclusive, 'medir' e analisar fenomenologicamente, o corpo que o tempo todo, em sua pele, é pressionado a ter medidas, e o que se postula aqui, na verdade, é que a capacidade de transcender pode extrapolar a ideia das medidas.

Em termos de corporeidade e suas implicações existenciais identitárias, as reflexões aqui delineadas e tomadas aludindo ao filme “A pele que habito” apontam para ‘o transcender a pele’ como possíveis sentidos da vida, sem desconsiderar ‘o habitar’ em conjugação com o corpo vivido e afetivo, de acordo com a perspectiva existencial.

A transcendência aqui analisada no contexto base do ‘ser-no-mundo’, mundo esse hipermoderno, evidencia o quanto o mundo influencia e é influenciado pelo ser, sua intimidade e sua pele. Nessa lógica, é preciso pensar que da pele que encobre esse corpo, essa, por sua vez, pode transcender ao se por no fluxo constante do devir humano, e, assim, tem-se que, de certo modo, subverter a sua própria pele para além daquilo que ela contém no que diz respeito à ‘ser’ e a ‘ocupar’ o lugar do habitar humano, autentica sua própria essência pujante de vir-a-ser.

No caso do filme apresentado à frente como ponto de partida para uma análise da temática, Vicente mesmo revestido por uma pele que deu um novo contorno a ele, o de ser ‘Vera’, uma mulher, o mesmo não desiste e busca por sua libertação ao transcender e manter vivo ‘Vicente’, que na trama quase se transfigurou nas medidas de seu novo corpo e pele, o seu ego, a sua identidade, a sua essência. Ressalta-se que com tudo que foi imputado ao mesmo, inaugurou-se um novo modo de ser do personagem a partir do que o mesmo foi capaz em termos de possibilidades e abertura, transcender a si mesmo diante e mediante às violências que sofrera.

Considerando-se a importância e relevância do tema, é preciso pensar também sobre as novas estruturas das subjetividades, em contextos em que reina o individualismo exacerbado, um ideal de beleza cultuado, e, apologias a um corpo igualmente (re)estruturado, em que as medidas se põem bastante ‘justas’, para um corpo que hoje precisa ser ‘pequeno’³, mas que, por hipótese reflexiva, talvez não esteja cabendo nele mesmo, no próprio ‘ser’ e ‘pele’ que o asseguram, em termos amplos e não especificamente no enredo e situações do personagem no filme, a saber mais adiante. (SEVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO, 2010)

3 O termo pequeno está sendo usado metaforicamente e de modo ‘irônico’, porque além de se referir a um tamanho menor pensado em tamanho de manequins, infere-se aqui sobre o quão pequeno seria para ser a morada de alguém, cuja existencialidade precisa ter sua ancoragem concreta e subjetiva, do tamanho do corpo habitado e de sua pele que o veste e que também pode possibilitar sua transcendência.

Segundo Baudrillard (1970), numa sociedade pautada pelo consumo, o corpo tem seu ápice no desejo das pessoas numa incontornável 'medida' de ideal e de encobrimento pela pele, que subjetivamente, não há como ser medido (a), e sim, vivido e sentido, como estima a perspectiva fenomenológico-existencial que o toma como âmago da existência humana.

Um corpo pequeno em 'medida' e selado por sua pele, nesse caso, viçosa, e, submerso paradoxalmente numa cultura do excesso e dos abusos do prefixo 'hiper', assinala como discussão pertinente quanto a outros paradoxos de saúde x doença, bem-estar x mal-estar, desvelamento e encobrimento. (LIPOVETSKY, 2004)

A sensação que se tem desavisadamente é a de que os afetos decorrentes das vivências de corpo, corpo vivido e corpo 'medido' na pele, em diálogos com as alteridades postas em outros corpos, podem colocar o corpo de modo estanque, contrapondo-se, inclusive, com sua fluidez e psicodinamismo, gerando um dilema existencial importante. Caldas e Prado (2012) discutem o princípio heideggeriano da impermanência e capacidade de mudança do corpo que aponta para o sentido que esse pode ter, e, não na tentativa de ser o corpo como uma constância, cujas fronteiras fazem menção a pele que se incumbiria de fechar esse corpo como fronteira fisiológica apenas.

Merleau-Ponty (1999) assinala esse movimento pungente do corpo, inclusive como sendo uma experiência sensível e não desprovida de angústia, e que pelo seu dilema ético e íntimo, apetece o homem por inteiro no que tange sua identidade e medida de 'ser' e 'como' ser-no-mundo.

Os desdobramentos egóicos, a partir dessa discussão de corpo, medida, afeto e hipermodernidade atravessam a existência humana, e por sua vez, pedem por esclarecimentos e discussões sobre a questão da 'medida' e de suas indicações de adequação posta nas peles que se põem e se dispõem a se igualar e a não transcenderem, inclusive, a si mesmas e aos outros.

A ideia não é o descarte das medidas da vida, e sim, como e quando as medidas são sensíveis e humanas para nortear existencialidades, que em si mesmas, também se direcionam às 'justas' medidas, em suma, singulares medidas, que cabem em suas 'peles' e que sejam forjadoras de interioridades singulares.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Hipermodernidade – o cenário

Lipovetsky (2004) discute sobre a reestruturação atual da tessitura social, que constantemente vem construindo e abarcando um novo ‘código’ de valores, concepções de mundo e de homem diferenciadas e pautadas pela crescente digitalização do mundo e das relações humanas. Observa-se que como pano de fundo o capitalismo já tão conhecido e atravessado por sua episteme e genealogia antropológica e cultural, associa-se ao uso imperativo das tecnologias que tem imprimido um ritmo de excessos, fugacidade e efemeridade, bem como as ‘medidas’ da aparência e distanciamento dos corpos e intimidades, para dar lugar ao consumismo e a onticidade das coisas. (MAGNABOSCO, 2013)

Como consequência imediata e severa desse contexto social hipermoderno, ‘os modos’ de subjetivação humana tem sido atravessado pelo próprio consumo e excesso do “eu” inferidos aqui como primeiro passo, o próprio corpo, sua pele, seu entorno. Nesse sentido, observa-se que:

A criação de um novo espaço de valores e representações dependentes desses recursos respalda a disseminação de uma cultura digitalizada que determina, conseqüentemente, configurações inéditas das relações do sujeito com o seu entorno. (ALVES & MANCEBO, 2006, p. 45)

Para além do entorno social entrecortado por essas interferências conjunturais elencadas na hipermodernidade, é fato poder ver os impactos disso na intersubjetividade, no coletivo. Contudo, quando se aborda o ‘um’ a ‘um’, até o próprio corpo e pele, o intrasubjetivo é notadamente impactado também.

O individualismo é a atual tônica social, mas no todo e de longe tem fortalecido o homem, que sozinho, por vezes, vê-se num culto a si e ao próprio corpo, mas ao mesmo tempo de modo ambíguo e paradoxal, não dá conta de si e muito menos consegue ou vê-se livre para transcender a si mesmo e ao mundo que o ontifica.

Segundo Bauman (2001) a fluidez das relações e a afetividade líquida tornam-se moedas de troca no consumo desenfreado de subjetividades e não apenas dos produtos e serviços como assinala Baudrillard (1970). A racionalidade dá lugar ao surgimento dos afetos na lógica do sentir como motor da vida, como centro da existência, mas não por sua ontologia em si, mas como modos de

assegurar a captura do humano naquilo, que agora, pela livre vitrine do consumo, posse assegurar um caminho a percorrer. (GIOVANETTI, 2002)

O homem, por vezes, superficial e artificial (interferido pelas tecnologias) e pela vivência antropológica hipermoderna contextual, personaliza-se pelo excesso de 'eu' e individualismo, sobressaindo-se um *phatos* expressivo na roupagem de um narcisismo que esconde um vazio que é preenchido de esvaziamento dos sentidos que verdadeiramente poderiam importar. Pode-se inferir que o corpo como 'morada do ser', nada tem a mostrar quanto a conteúdos importantes dentro da pele, que por ora deveras adoecido, tem escondido 'o nada'. (GIOVANETTI, 2018)

A tomada do corpo pelo corpo como roupagem de um ego que pode transcender, corpo esse contingente ao vazio existencial, é vivido como fonte de adoecimento e encobrimento, e do mesmo modo é capturada sua pele como um nexos causal de exposição social em redes sociais que cumprem o papel de uma visibilidade meramente mecânica.

Isso tem se dado em forma de espetáculo cuja função é a de falsear verdades que não des-cobrem nada de ninguém e que ainda nenhuma interioridade torna-se acessível. Eis um dilema ético social hipermoderno. (GIOVANETTI, 2018)

A emancipação do homem tão pleiteada pela hipermodernidade trouxe consigo um encarceramento do ontológico no ôntico do mundo, cuja estrita relação de realidade se corrompe na desintegração do devir humano no tocante a sua composição existencial com relação aos sentidos da vida e nos cuidados que essa demanda.

O ocupar-se do corpo e da vida em tempos hipermodernos, cuja relação homem-mundo (hipermoderno), como conexão ontológico-existencial só se efetiva no co-pertencimento e na construção em conjunto e de modo inseparável que há de acontecer. (MAGNABOSCO, 2013)

Não há como pensar ingenuamente que isso não é uma interferência forte nos modos de ser do homem, no ser-em-situação, na dinâmica do existir. É preciso buscar por uma funcionalidade que possa ser saudável, que seja justa e significativa, que possa instaurar transcendências.

Em tempos hipermodernos e de 'saia justa' e de prescrições mundanas sobre o existir do homem, sua morada, seu corpo e os afetos decorrentes de sua constituição, há ainda por extensão a busca por medidas que possam assegurar àquilo que de íntimo podem, em situação, compor o 'ser'. (GIOVANETTI, 2002) Qual

o lugar desse corpo nessa nova ordem? Como seria pensar o corpo ligado à lógica do mito da saúde perfeita? O que guarda em sua pele um corpo cuja morada é o 'ser'?

Esses questionamentos se desdobram a partir das inquietudes humanas e ontológicas e as dos tempos que se vivem os homens. As dúvidas a partir desta possibilidade apontam sobre as consequências deste acontecer fático atual sobre a corporeidade, temporalidade e afetos submersos nesse cenário antropológico chamado hipermodernidade, cujas repercussões podem ser contempladas nas diferentes formas de adoecimento e igualmente nas tentativas de assegurar transcendências ontológicas que precisam, inclusive, transcender a própria pele.

2.2 Corporeidade

Abordar corporeidade inevitavelmente requer iniciar sobre o entendimento do que seja corpo, tomado pelo próprio corpo de quem fala e postula, um corpo próprio ou um próprio corpo, que do ponto de vista linguístico aponta para um diálogo de proximidade com o proprietário de 'um' corpo, e não um pensar filosófico que fala do corpo do outro sem partir de sua própria experiência vívida e igualmente potencial de sentidos para além dos aspectos constitutivos de anatomia, fisiologia, metabolismo e outros. (MORRIS, 2009)

Em igual medida, um corpo que é próprio ao ser, também o é na constatação do corpo alheio, que de modo expressivo constitui o outro da relação e instaura a compreensão de que corpo-consciência-mundo tornam-se uma unicidade intransponível pela lógica sartreana. Contudo, será possível inferir sobre o transcender a isso, tanto o ego como a pele, em capítulos discutidos à frente.

A temática em questão passa a ser abordada como vivência, como essencialmente um corpo vivido, afetivo e que existe, dentro da perspectiva fenomenológico-existencial. É preciso abster-se do preceito filosófico que aponta para 'o conceber' e 'o conhecer' um corpo propriamente dito dentro de suas fronteiras envoltórias e subjetivas, inclusive, para uma meta-análise, aqui escolhida, uma análise fenomenológica.

Enfatiza-se que um corpo vivido apresenta a essência de uma individualidade, partindo de uma intencionalidade da consciência (FORGUIERI, 2004), e que também se configura na vivência intersubjetiva dos outros corpos vividos, e

vivências essas, ‘em situação’ como demonstra Morris (2009) discutindo-se Sartre e dialogando com Heidegger.

Azevedo e Caminha (2015) dizem que é preciso considerar em igual teor a extensão desse corpo vivido para um mundo vivido e compartilhado, pois assim se ampliaria uma compreensão fenomenológica para além de um corpo objetivo, que inclusive, não é o foco da discussão proposta.

Esse corpo tomado de modo objetivo, de fora à própria condição de existir, não contempla a unicidade corpo-mundo-existência. A existência humana é atravessada pela facticidade do corpo e sua dimensão subjetiva e afetiva. (AZEVEDO e CAMINHA, 2015)

Heidegger considera e mostra o homem como *Dasein*, o “ser-aí”, o aí como sendo o mundo, articulado e posto nesse dado mundo, que assim o configura existencialmente antes mesmo de se refletir sobre si e o próprio mundo. (REHFELD, 2004)

Nascimento (2016) diz que ao buscar discutir sobre o *Dasein*, há uma elevação conceitual ligada a compreender o ente que o homem é, no tornar-se ‘ser-homem’, aludindo-se a Rogers (2009) no ‘tornar-se pessoa’ tomado como objeto de estudo, como ser-no-mundo, como ser-aí.

Na continuidade dessa discussão, Sarte vai dizer que o “aí”, ali e o acolá do ser-no-mundo mostra o eixo central da facticidade do para-si. Morris (2019) mostra que o fático e o transcendente do para-si na vivência do corpo evidencia que não há como se pensar sobre uma consciência sem corpo e um corpo sem consciência.

A consciência e sua intencionalidade subjacente e constitutiva, do ponto de vista fenomenológico darão contornos à existencialidade humana, conseqüentemente ao seu corpo, pois parte do princípio de ser esta uma: “... visada de consciência e produção de um sentido que permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido” (ZILLES, 2003, p. 171).

Nas discussões de Rehfeld (2004), o mesmo aponta para o além da posse de um corpo para ‘o integrar-se’ a ele na lógica do ‘corpo que somos’ e do corpo que habitamos, sem desconsiderar ‘o corpo que temos’. Desse modo, pode se dizer do âmago do ser, que em separado, nada mais e nada menos seria apenas um corpo objetivo.

O todo de um corpo inclui inclusive, o que se chama por incorporação, que significa:

é um termo que deve ser tomado literalmente: ele significa “tomar o corpo” [*corpus*]; então, o hábito expressa nosso poder de dilatar nosso ser-no-mundo, ou mudando nossa existência pela apropriação de instrumentos novos”. Os limites do sujeito-corpo são, portanto, fluidos: eles não precisam coincidir com os limites do corpo como uma coisa fisiológica, isto é, a pele. (MORRIS, 2009, p. 127)

A instrumentalidade é possível para Merleau-Ponty e Sartre ao discutirem sobre o quão é possível pensar o corpo e sua extensão do vivido e afetivo, acrescentando-se a isso, o decurso de uma temporalidade, um conectar-se com os intentos do corpo para-si, o que sugere a transcendência da pele e do ego, refletidas no avanço das reflexões deste estudo.

Partindo-se do habitar e do corpo que assegura ao ser essa morada, esse mesmo corpo é tomado como sujeito e como objeto, num trânsito psicodinâmico que imputa em processos descritos por Heidegger como sendo visibilidade e invisibilidade do ‘em-si’ e da própria vivência do corpo, e muito menos se aterá a uma dada medida hipermoderna contingente de mundanidade.

O corpo, ele mesmo em sua constituição primeira, aqui nem se tratando ainda de aspectos subjetivos e existenciais, está a se estabelecer para ser a morada do ‘ser’. Pela lógica desenvolvimentista isso se dá com o próprio conhecimento e (re)conhecimento que a criança terá quando se percebe dona daquele corpo e que está dentro do mesmo. (PAPALIA, 2013)

Merleau-Ponty (1999) quando fala da fenomenologia da percepção, em vários aspectos descritivos de suas reflexões aborda sobre as incorporações perceptivas e práticas como, por exemplo, aspectos de motricidade, espacialidade e outros. Em primeira instância é como se esse dado corpo se instrumentalizasse para ser corpo. E é nesse viés de construção que o dono desse corpo, vê e não vê todo esse processo, desde aspectos fisiológicos até os presságios de uma subjetivação desse corpo que será preenchido de existencialidade, ainda que já parta do corpo ser uma existência concreta.

Azevedo e Caminha (2015) asseguram a correlação do corpo com o “eu posso” no sentido de aludir a essa instrumentalização própria do corpo, que ressoa o que de habitual e primeiro tem a ver com o existir humano que se constrói ao ser lançado no mundo, e aqui, lançado em seu corpo próprio/corpo vivido, sua pele. Heidegger quando descreve o *poder-ser* do homem tem como antecedentes intrínsecos o *poder-ser* de um corpo. (grifo nosso)

Há um engajamento implícito no que diz respeito à concretude do corpo que guarda o início das vivências, da corporeidade em ato aparecendo e se transformando em uma identidade humana que busca por se fazer e ser rica em sentidos e bem-aventuranças.

Da relação do corpo com a realidade, esse se inspira a se posicionar como um ser de abertura como aborda Heidegger, e esse caráter originário do ser, cuja intencionalidade é criticada pelo autor em *Ser e Tempo*, e, depois, na sequência vista por Husserl, tem 'o ser' como não sendo objeto e ainda não reflexivo.

O ser se dispõe a 'se tornar' [se tornar pessoa como diz Rogers (2006)], na lógica da abertura, e, pela perspectiva da tonalidade afetiva, dar um contorno nos possíveis modos de ser desse homem, desse corpo, dessa pele. Contorno esse traçado pelos afetos e que pode desvelar a compreensão de si naquilo que lhe é próprio e impróprio, no fazer-se a si-mesmo, com fins de transcendência. (OLIVEIRA, 2006)

Quando se pensa em abertura, tem-se que o ser-no-mundo em Heidegger, aponta para a presença do *Dasein*, em sua disposição, compreensão e aspectos de sua inserção e lançamento nesse dado mundo. Nesse sentido, a corporeidade inferida como dimensão ontológico-existencial do próprio corpo, e compreendida como a vivência desse corpo fático ou ainda ser corpóreo, a princípio, ontologicamente estrutura um modo de ser em processo constitutivo, já como fenômeno e um existencial. (FERREIRA, 2010) Torna-se importante destacar a articulação homem-mundo, corpo-mundo, pois é da mundanidade do mundo que muitos desdobramentos simbólicos e existenciais irão incidir sobre o constitutivo do ser em abertura.

A corporeidade também pode ser entendida como movimento do corpo e do ser, num corporar e num incorporar, estabelecendo-se assim, os modos de ser 'presença', indicativos de existencialidade e ontologia. Ferreira (2010) demonstra que esse corporar parte de uma disposição e uma tonalidade afetiva compreensiva já mencionada, e por sua vez, como corpo afetivo e vivido, como discute Michel Henry (2012). Há prevalente um conectivo ativo desse corpo existencialmente pleno e ávido de constituição do 'ser' em 'ser, em tornar-se.

Tornar-se se remete aos sentidos, à significância de si, do corpo, da alma, da existência conectada ao mundo, e esse o é, em sua mundanidade. Do mesmo modo, a abertura do ser, temporalmente vivida e estabelecida, é também genuína e

gratuita, sem perder o fluxo constante da pré-sença e sua caracterização em seus modos de ser, inclusive a de ser pele.

Ainda atendo-se aos movimentos que esse corpo faz, num fluxo constante de puro dinamismo, Peixoto (2012) assinala sua possibilidade criadora e intersubjetiva que lhe são próprias.

Esse ser-no-mundo parte do ser-em, que é ligado ao mundo próprio de sua inserção, o 'ser' em um mundo; o ser-junto, disponibilizado com outros factíveis postos no mundo, o dado no mundo propriamente dito, e o ser-com, que caracteriza a co-existência, a co-presença de outros.

Essa tríade existencial do homem parte de uma manualidade que se refere às possibilidades de significância e correlação do ser com o mundo, numa conjuntura de vivências e referências do homem, que desemboca em desdobramentos. É nessa perspectiva que é possível e necessário compreender o delineamento da corporeidade e sua afinação com o mundo e com a pele que habita o ser. (FERREIRA, 2010)

Nesse acontecer desse corpo, o mesmo adoece, desenvolve saúde, cria habilidades e refina as já adquiridas. A vivência do corpo como sujeito dá a esse sujeito, nas ideias de Sartre, a possibilidade de ser o próprio corpo um instrumento, e, tal qual como instrumento, é tomado como objeto ambigualmente. Objeto por ser o autor de ações e ao mesmo tempo também ser alvo delas no manusear a vivência de corpo. O autor não dá muita vazão a essa discussão, além de discordarem em certo modo, ele e Merleau-Ponty, sobre o tocar e ser tocado, e que há momentos e potencialidades distintas para isso. (MORRIS, 2009)

As desavenças dos dois autores constata que não é incompatível a discussão de ambos, porém, evidencia-se que Sartre concorda que "... o corpo é um sujeito-objeto, um tipo de pato/lebre ontológico". (MORRIS, 2009, p. 131) Merleau-Ponty assinala a ambiguidade ao dizer que pode ser lebre ou pato, já Sartre diz da impossibilidade de serem vistos ao mesmo tempo as duas possibilidades, uma encobre a outra. Conclui-se que "... não há incompatibilidade entre dizer que o corpo é tanto sujeito quando objeto e dizer que o corpo não pode ser nunca sujeito e objeto ao mesmo tempo." (MORRIS, 2009, p. 131-132)

Há que se considerar que existe um tênue e sofisticado delta⁴ entre corpo-sujeito e corpo-objeto no diálogo e situação vivida pelo 'todo/unidade' do corpo nas ações humanas que extrapolam e mostram uma fluidez constitutiva do corpo e suas vivências íntimas e intersubjetivas.

Nesta perspectiva, tem-se que:

O que todas essas considerações demonstram é que o corpo é ainda mais ambíguo do que Sartre admitiria. O corpo-para-si está totalmente entrelaçado com o corpo considerado como uma coisa, e o limite entre o centro dos campos de percepção e ação e os objetos dentro desses campos é um pouco fluido. (MORRIS, 2009, p. 132)

Fluidez essa que se estende para o entendimento e a importância para a psicologia fenomenológico-existencial sobre o corpo vivido discutido por Merleau-Ponty, e o corpo afetivo, apontados nos estudos de Michel Henry. Na verdade, é preciso extrapolar a compreensão desse corpo para sua dimensão ontológica para ser apreendido como corpo existencial, consciente e engajado com o mundo e sua realidade de imersão e constituição. (SILVA e BERESFORD, 2006)

A disposição apresenta a afetividade da 'pré-sença', do corpo/corporeidade. Nesse sentido, o modo como o homem afeta e é afetado pelo mundo mostra a reciprocidade e a sinergia dessa conexão, fluida inclusive, por se tratar das vivências humanas serem atravessadas pelos encontros (ser e estar com-o-outro) e as descobertas daí advindas. (FERREIRA, 2010) Nesse mesmo contexto não há como não assinalar sobre as deferências e apologias às identidades constituídas nesse emaranhado relacional existencial dos seres no mundo.

Ainda sobre corpo e corporeidade, é preciso considerar a temporalidade como uma variável sensível discutida em *Ser e Tempo*, onde Heidegger, em sua ontologia do ser, aponta para o tempo que passa, se movimenta e incide na mutabilidade e impermanência do corpo, da existência, da vida. Em tempos, inclusive, hipermodernos, tomados como o decurso de um tempo, do ponto de vista ontológico, a vivência de tempo é conectada ao existir, daí 'ser' e 'tempo' estarem no

4 Delta é um termo linguístico da matemática utilizado para indicar uma diferença entre valores de uma variável. Nesse contexto foi usado aqui para demarcar o quão tênue e ao mesmo tempo simbolicamente foi importante sua aplicação na reflexão do texto sobre corpo. Pesquisa disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com> Acesso em: 18 set. 2018

título de sua obra, em que ambos não passam ilesos e sim submersos e alterados por essa vivência imanente ao homem. (PRADO e CALDAS, 2012)

Na vivência de tempo, o corpo abarcará essência e existência, num todo significativo, nos modos e possibilidades de ser. Sua 'pré-sença', a do ser, tem como fundamento ontológico fundamental a temporalidade, cujo crivo e totalidade da estrutura do existir humano têm como base o tempo.

Nessa lógica imbricada por correlações, não há como escapar ao tempo, pois é nele e por ele, num dado tempo, que o existir humano precisa evidentemente de tempo e do tempo, e, por sua vez, ainda com ele, contar e assinalar as prerrogativas do existir, em especial, as do corpo que se substancializa no percorrer o tempo. Tempo esse que demarca o envelhe 'ser' da pele e do corpo que o ser habita, cuja intenção primeira e última é se ater à finitude humana como propósito do fluxo da vida. (FEIJOO, 2000).

Michel Henry considera a imanência e afetividade como indicativos essenciais da vida, cuja fenomenologia está a desvelar que vida e essência são originárias do existir humano, e como tal, o que há em nós como 'o sentir' e 'o doar afetivo' é apenas base para o campo da ação humana, que precisa se ancorar na indubitável lógica do corpo que depreende de sua existencialidade o sofrer e o fruir, conforme discute Mauri (2016)

As dissidências desse corpo que vive e é fluido de afetos tem como ponto de partida nas ideias do filósofo francês Henry, a noção de corpopropriação, cuja construção está em suas afecções reveladoras de si mesmo, íntimas e únicas, e que estabelecem as relações do homem-corpo-mundo. (FERREIRA, 2015)

Na verdade há um caráter ativo da passibilidade dos afetos que subjazem o corpo e a vida humana, em que Maine de Biran assinala como importante indicativo das movimentações afetivas que demandam transformações em si mesmo, partindo de uma suprassensível experiência ontológica do homem em sua essência íntima, e que pode transcender como forma original e originária que lhe é própria. (FERREIRA, 2015) Nesse sentido:

Ser um indivíduo é ter com o mundo uma relação absolutamente original, e isso não em virtude de uma decisão ética, no fim de um esforço deliberadamente empreendido... A originalidade do modo segundo o qual me relaciono com o universo é uma necessidade ontológica, é inerente à estrutura ontológica do hábito. É porque a minha maneira de sentir o mundo é a experiência mesma que tenho da minha subjetividade, que é dada só a

mim, na experiência interna transcendental do ser originariamente subjetivo do meu corpo.(HENRY, 2012, p. 134).

O corpo visto e posto articulado ao ser, como sua morada, de modo e em forma de abertura, igualmente conectado e afetado pelo mundo, também o é, se não, genuinamente pura experiência e pura subjetividade. Essa por sua vez, lançada no mundo pelo corpo e no corpo, configura-se aí nesse corporar, o início do início, as relações, a intersubjetividade, o afetivo para além do sensitivo, incluindo inclusive, o movimentar-se e o sentir propriamente dito. (BONILHA, 2017)

É importante ressaltar que:

O ato de sentir, para começar, não é conhecido pela sensação, ao contrário, é o que a conhece. Biran afirma tanto a realidade transcendental do sentir quanto o ser transcendente da sensação. O corpo, na medida em que é o corpo subjetivo, confunde-se com o ato de sentir, não é de nenhum modo um composto de sensações, qualquer que seja a unidade, nas variações correlativas, por exemplo, que se possa descobrir entre essas sensações. Essa unidade, com efeito, é uma unidade constituída, é a unidade de uma massa transcendente, não é de nenhum modo a unidade do ser originário de nosso corpo. (HENRY, 2012, p.99)

De nosso corpo parte o princípio, a sua existência fática, mas dele temos movimentos e movimentações. Sentir e ‘sentir’, e é nesse movimento que se tem, que se é, e, do mesmo modo, que parte o corpo e o poder que esse possui, mas que não é gratuito e que precisa ser constituído no ‘todo das sensações’ e ainda do sentir passivo em primeira instância, para que segundo a perspectiva ontológica, a abertura possa dar à pré-sença sua co-autoria afetiva e extensiva ao mundo.

2.3 O filme *A pele que habito* – ponto de partida

Nesse tópico intitulado ponto de partida, o filme *A pele que habito*, do diretor Pedro Almodóvar, foi usado como um articulador para o tema monográfico. Apesar de ser esse um filme com bastantes possibilidades reflexivas sobre o mesmo, não foi objetivo analisá-lo em sua riqueza cinematográfica e os seus temas polêmicos e atuais, bem como o profundo conteúdo teórico para uma leitura psicológica. O ponto de início, ao descrevê-lo sucintamente, serviu de base para as reflexões

fenomenológicas daí decorrentes sobre a questão da corporeidade em tempos hipermodernos.

A película aborda a saga do personagem protagonista, um médico famoso e bem sucedido chamado Robert Legard, e que paralelamente se dedicava à pesquisa e experimentos científicos, a princípios bem intencionados, mas que ao longo do filme foram observadas posturas e atitudes inescrupulosas e assaz antiéticas, não sendo abordadas na trama, inclusive, acrescidas a isso, aspectos psicopatológicos desse personagem principal igualmente não mencionados.

Robert é casado e sua esposa Gal o trai com seu irmão Zeca, sendo desconhecida essa relação por ele, assim como desconhece o parentesco com esse irmão e sua mãe Marília, então governanta da casa. O médico é fruto da relação dela com o patrão e o irmão, filho de um funcionário da casa, sendo criado fora de lá. Na trama do filme, quando Zeca reaparece, fica clara sua transformação em bandido.

Um ponto importante inicial é quando Gal foge com Zeca e esses sofrem um acidente de carro, em que ela quase morre incinerada, sendo salva e tratada por Robert apesar de não aparecer o ocorrido propriamente dito. Neste momento tem-se uma narrativa com imagens dessa parte da história em que é descrita a aparência de um corpo de mulher esfacelado pela pele queimada e em início de tratamento, odorizada pelo mal acometido, e embebecida por ele junto da esposa, de modo mórbido e enfático, a princípio, para salvá-la, mas que depois de sua morte trágica o mesmo começa a encaminhar-se para recompor sua pele, sua essência, já à luz da ciência e de experimentos à margem da legalidade.

Ao passo que Gal foi se recuperando sem se ver, antes de sua morte, ela, deprimida, quando viu sua aparência dilacerada e deformada no reflexo da janela ao ver sua filha Norma cantar nos jardins, a mesma não suporta e se joga pela janela. Sua filha presenciou essa cena e depois disso desenvolveu um transtorno mental em função dessa fatalidade.

Anos depois ainda em tratamento, já uma jovem, Norma e seu pai, na tentativa de socialização vão a uma festa de casamento. Lá Norma se encanta por Vicente que a leva para os jardins da mansão, onde sem saber ao certo o que estava acontecendo devida à tamanha ingenuidade, se enamoram e iniciam uma relação sexual.

Vicente estava sob efeito de drogas e ela relatou sobre as dela, que eram na verdade drogas psiquiátricas. Norma se apavora com a nova experiência, grita e na sequência o morde. Ele também apavorado para se proteger, deu um tapa nela, que acaba desmaiando, e sem saber o que fazer, a deixa no local. O pai vai atrás e a vê desacordada.

Ao socorrê-la a mesma entra em pânico ao despertar esquecendo-se do ocorrido, associando a figura do pai como sendo o seu agressor, em uma circunstância nada clara e que acaba se configurando num estupro no entendimento do pai. Robert impotente em ajudar a filha se revolta e é tomado pelo sentimento de vingança sequestrando Vincent enquanto a filha estava internada num hospital psiquiátrico.

A filha acaba se suicidando no hospital e concomitantemente Robert dá continuidade a sua vingança iniciando uma série de transformações em Vicente, ao passo de que já estava sofrendo torturas em cárcere privado.

Robert então começou por mudar o sexo de masculino para feminino com uma vaginoplastia. Ao final, após várias cirurgias clandestinas e de hormônios ministrados, Vicente passa a se chamar Vera em seu corpo e pele de mulher.

Seus estudos e experimentos ilegais não são apoiados pelo conselho de medicina desde antes em suas formulações para criar uma pele humana diferenciada para ser usada em queimados após vivenciar o que passou sua esposa. Essa pele recebeu o nome de Gal em homenagem a sua esposa, sendo o mesmo questionado pelo conselho quanto aos seus métodos e uso em humanos, o que é proibido por questões de bioética.

O mesmo continua seus experimentos em Vicente, agora Vera, que por sua vez tem a face de Gal. Isso gerou problemas para Robert, pois passou a ficar ameaçado quanto à descoberta do que estava fazendo, além de ficar vulnerável com relação a ela em função de aspectos afetivos por Vera se parecer com Gal. Existe também junto a esse enredo a polêmica da troca dos sexos e as questões de gênero, mas que não foram o recorte proposto por essa escrita.

Na sequência, quando Vera se vê finalizada, como ela o questionava, a mesma deixa claro a vontade de querer se libertar. Um dia Robert faz uma pequena saída da mansão e um inesperado acontece com a chegada de Zeca e a permissão da mãe para entrar na casa. Ele descobre Vera e corre para encontrá-la achando ser ela a Gal. Em sua volúpia a estupra, o que é muito dolorido e difícil porque em

sua forma feminina Vera era virgem. Robert retorna a casa e vê a cena pelas câmeras indo até o quarto armado matando Zeca.

Após o grave ocorrido, Vera se adentra a casa abraçada com Robert em forma de proteção após o mesmo ter ido enterrar o corpo e queimar os lençóis sujos de sangue. A partir daí Vera é solta e consegue transitar pela casa, estabelecendo um jogo afetivo com Robert, que confuso se deixa enamorar-se dela. Eles vivem uma vida de casal e ela toma seu corpo feminino como uso para ganhar confiança e tempo para agir. Marília o avisa que não confia em Vera e que o desfecho será ruim para um dos dois.

Um belo dia Robert a deixa sair com Marília para fazer compras e ela compra um vestido de que tinha gostado há seis anos no ateliê de roupas de sua mãe, que inclusive, o mesmo trabalhava como alfaiate, e, em seguida retorna a casa.

Quando Vera chega a casa encontra Robert sendo pressionado pelo colega cirurgião (Fulgêncio) que participou da vaginoplastia de Vicente feita há seis anos. Fulgêncio estava pressionando Robert com suas suspeitas e com um jornal falando sobre pessoas desaparecidas, cuja foto de Vicente estava entre essas pessoas.

Vera ouvindo isso chega e ajuda a dissipar essas dúvidas sentando-se no colo de Robert, beijando-o e dizendo ter sido uma escolha sua. Robert fica feliz e à noite eles têm uma relação sexual consensual. Vera ainda sente dor e diz que tinha comprado um lubrificante. Levanta-se para pegá-lo na bolsa e o mesmo não estava. Como Robert estava confiando em Vera, a mesma desce a procura e vai até o escritório pegar a arma, vendo o jornal e o depoimento de sua mãe. Sobe e se encontra como Robert que ansioso a esperava. Lá o mata. Marília ouve e sobe armada para matar Vera, que se esconde embaixo da cama e também a mata.

Por fim, Vera se veste com o vestido comprado no ateliê e vai até Cristina (sua amiga) dizendo coisas que só ele e ela lembrariam, fazendo ser reconhecido por ela, que acaba por chamar a mãe dele e ele se apresenta como Vicente como fim do filme.

Como não pensar em que e como a pele nos reveste e nos inscreve em nós mesmos, nos fazendo habitar e dar contorno a nossa existencialidade? O tocante e incessante desejo de libertação de Vicente a sua saga e ao corpo que de modo limitante não o fez se prender nem a desesperança e muito menos ao que ele era para dentro e para além de sua pele, fez com que ele sobrepujasse a tudo e a todos,

a si mesmo, num espectro temporal adoecedor, numa vivência de corpo que não era ele, mas era dele.

Nesse sentido, novas roupagens de pele e vestimenta se impuseram a ele, mas que não aniquilaram sua capacidade em transcender a própria pele e ao ego que estava à mercê de um norte de origem e um desejo ávido de sentidos e desvelamentos que pareciam impossíveis em sua vivência de encobrimento e aniquilamento do eu, partindo-se por aniquilar uma pele que o vestia, por isso a hipótese sagaz do transcender.

2.4 A questão da transcendência

Abordar a questão da transcendência é preciso transcender ao sentido linguístico primeiro que a caracteriza enquanto uma significância e uma conceituação base. Transcender pede ousadia, pois é um ato que revela como possíveis sentidos discursivos o de estar fora do alcance da ação primeira, o que sugere extrapolar, criar, compor, superar, conforme nos mostra o *Dicionário Aurélio de Português Online*.

Essa referência também nos mostra que transcendência tem como antônimo a palavra imanência, que significa características e/ou qualidades próprias e internas de uma substância, tudo o que a compõe.

Pensar no humano, no seu existir, de onde parte sua ontologia, em sua abertura e no seu início, no seu des-velar e no seu devir, o homem tem como narrativa o transcender como viés de escrita e inscrição no mundo. Seu ego e sua constituição identitária como um todo se faz no enlace da imanência do mundo e na transcendência do seu ego.

A relação homem-mundo-existência carece de um princípio constitutivo básico, entendido como *Dasein* (ser aí) para Heidegger e a princípio como Ego para Sartre. Em a Transcendência do Ego, Sartre aponta para o fato de que é preciso considerar a intencionalidade da consciência convocando o Ego para ocupar um lugar de lançamento e exposição para fora de si mesmo, tomado como objeto do mundo. (SARTRE, 2013, versão para kindle, localização 1266)

Esse entendimento mostra que o Ego se faz na relação com o mundo e dele depreende suas manifestações, que irão inclusive precisar transcender para demarcar sua função de singularizar-se diante o outro, bem como com relação ao estabelecimento da intersubjetividade e na convivência com a alteridade.

A ideia está na não ligação direta do Ego com a consciência, no sentido dele habitar a consciência e dela se originar, mas sendo tomado como fora à própria consciência, como sendo um objeto dela. Há uma forte relação, mas não é de origem e nem de constituição primeira, e, sim o Ego como uma extensão e seu 'nascimento' no mundo, na relação dele em formação com o mundo no mundo. É tênue e sutil, mas é nessa estreita relação que a transcendência encontra seu início e se direciona ao mundo através da intencionalidade dessa consciência que subjaz ao Ego em construção.

Do mesmo modo que o Ego precisa transcender para existir em ato e evolução no mundo, dando lugar a uma singularidade em construção, o corpo que é um início para todo esse processo, também precisará extrapolar em essência e sentidos, no transcender a sua pele para ser lugar e uma morada para o 'ser', que transitará em meio ao mundo e na relação com os outros seres na constituição de si mesmo, num exercício pleno de transcendência e existencialidade.

2.5 A transcendência da pele – uma reflexão fenomenológica

Para fazer uma análise fenomenológica sobre um dado fenômeno, inicia-se essa reflexão, partindo-se do seguinte pressuposto: “O nosso modo de olhar instaura verdades” (NASCIMENTO, 2016: p. 106). Que verdade é essa pensada num transcender a própria pele, num dado corpo e existência, cujos desdobramentos se não o são, sua própria essência e o que faz compor-se a si mesmo?

A verdade que aqui se busca desvelar tem como base o aporte da fenomenologia, que em si mesma tem como princípio desvelador o de descobrir o que de intento ancora a própria verdade da coisa em si, no caso, o próprio corpo, que traz como precedentes o modo como é vivido e tomado pelo ser. (BELLO, 2004).

Isso se dá tal qual como pode ser concebido e percebido, e na sequência, descortinado em outras significâncias para além de suas fronteiras (pele), numa transcendência fenomênica e de ego aqui postuladas.

Os fundamentos ontológicos do 'ser' e suas vivências fenomenológicas e existenciais, tem a corporeidade como um existencial essencial ao homem, observando-se que a liberdade e a roupagem do tempo apontam os caminhos para

inaugurar e conferir propósitos à e às aberturas do Dasein, que em si, se ‘des-velam’ em ‘pré-senças’ e nortes de existencialidade transcendente. (CRITELLI, 2008)

Se o intuito é conhecer o que seria esse transcender a pele, Giovanetti (2017) afirma que pela fenomenologia é possível ao visar à intenção que aponta para o humano do ‘ser’ que habita àquele corpo, poder compreender que o fenômeno é a sua própria vivência (corpo afetivo) e a constatação da sua realidade. Nesse sentido, averigua-se que a reflexão fenomenológica subjacente à vivência do corpo particulariza-o distinguindo-o do meramente físico, aqui, pele, por isso, transcendente a outros sentidos.

Para isso é preciso se haver também com a palavra, com a ‘*poiesis*’, pois a vida humana carece de ser compreendida em seu íntimo, naquilo que a faz ser especial e humana, nos contingentes linguísticos e semânticos, na interpretação da vida e de sua interioridade, do ser, do corpo, da pele, do sentido da vida. (POMPÉIA e SAPIENZA, 2004)

Pela *poiesis*, o homem pode ser e se manifestar em atos, valores e palavras. Essas ações o fazem habitar o mundo e a se manifestar em seus sentidos e destinos. O ser humano, tendo como morada do ser o seu próprio corpo e tudo o que dele pode ser constituído num dado mundo, tendo como promoção esse habitar, consoante Heidegger. (Ensaio e conferências, 2012. In: MAGNABOSCO, SANTIAGO, 2018).

A pele que habito (corpo vivido e afetivo) e o habitar humano inaugurado poeticamente e que na palavra encontra seu ancoradouro, faz os sentidos da vida se pautar pela indeterminação e abertura do ser ao ir além da aparência (do próprio corpo) para o esboço de uma manifestação no mundo de modo genuíno, segundo Magnabosco (2018).

Da conectividade homem-mundo, essa palavra vai abrir precedentes para uma percepção do ser-aí quanto a sua origem e destino, cuja narrativa poética propicia transcendência, e isso pode acontecer por que:

... a palavra é poética quando ela diz da narrativa de origem, ou seja, quando devolve ao sujeito o significado e sentido com que estabelece a relação com o mundo naquele momento, naquele contexto, naquela história e mediante aquelas possibilidades. A palavra é origem no sentido da abertura. Ela está constantemente remetendo à origem do homem no seu ser-no-mundo enquanto singularidade. (MAGNABOSCO e SANTIAGO, 2018, p. 40-41)

Segundo Magnabosco (2013) o mundo é aquilo que na psicodinâmica do existir, sua 'pré-sença' 'co-participa' o ser no seu fluxo de ser, no seu corpo, na sua pele para além dela mesma, e nas inúmeras possibilidades de palavra, de nomeação e intenção de sentidos existenciais, transcendentais, históricos, e que sobremaneira compõem uma singularidade. Nessa perspectiva, aludindo-se a um mundo hipermoderno e de medidas, às da singularidade não são compartilhadas.

No exercício e condição de uma liberdade subjacente ao homem neste contexto de mundanidade e da palavra que o compõe, esse, por sua vez, se vê impelido a sair da tutela de uma causalidade, e se por no 'entre', não se atendo apenas ao 'eu' antecedente, mas na relação com o 'nós', inclusive, de uma posição antropológica. (GIOVANETTI, 2018)

Pelo viés e leitura antropológica, remetendo-se a historicidade do homem, a transcendência, tanto a do ego e a da pele, incidem na abertura própria do homem, que ao passo de sua singularidade, assim a constituindo, de fato, no 'entre', o faz poder transcender, e, inclusive, "... dada a sua condição de ser mortal, está sempre deixando de ser, mas está, ao mesmo tempo, sempre vindo-a-ser, dada sua condição de ser história". (SAPIENZA, 2013, p.19)

O corpo tomado e posto como morada do ser, encoberto de pele, envoltório particular nosso, metaforicamente alude às fronteiras, que segundo Prado e Cabral (2012) desvelam a seguinte constatação: "A existência acontece pelo corpo, corporalmente". (p. 781)

E é no âmbito corporal, a princípio, que pelo desenvolvimento humano que é próprio ao homem, permite a esse corpo inúmeras vivências e aprendizados, que, por sua vez, o norteiam diante às contingências do mundo dado (hipermoderno), e que o devolvem às restrições e cuidados originários típicos de uma infância quando da finitude um idoso se aproxima.

Os autores discutem sobre a diminuição das possibilidades no mundo se restringirem corporalmente com o envelhecer do corpo, o que de fato é verdade e demanda (re)adaptação. Contudo, há que se inferir que pela ideia de transcendência do ego e da pele, o homem, ao envelhe-'ser', pode e deve continuar, em seus modos característicos de ser, dar sentido e contorno a sua existência na travessia da vida. O passar-com e o estar em-situação existencial pode transcender ao corpo que cai e subjaz ao seu tempo de vida, mas que não se esvaece de vitalidade íntima

e plena de significância. É o viver a morte e o morrer do corpo selado pela *'poiesis'* da palavra, em que o transcender encontra sua razão de ser.

Do mesmo modo, há outros pensamentos importantes sobre esse acontecer da transcendência da pele. No filme a pele foi tirada e dada a quem a teria que vestir de modo imposto, uma pele e uma identidade que iriam contra um corporar. Vicente foi tolhido naquele momento ao seu movimento de corporar-se no seu dado corpo, que lhe foi tirado e 'dado' (feito) outro a revelia, na mais cruel tentativa de encapsular um ego, uma essência, um sentido de vida. Do corpo, o início dá início, pois:

... em Heidegger corpo é sempre um corporar (Leiben). O corporar é sempre o modo-singular-de-ser-do-homem-no-mundo. Portanto, o fenômeno do corporar opõe-se à mensurabilidade. Nunca o corpo é um mero objeto, o corporar é a minha relação direta com o mundo, é o horizonte existencial no qual eu permaneço. Por exemplo: o engordar e o emagrecer podem ser entendidos, racional e mecanicamente, como peso e volume de um corpo material. Mas, fenomenologicamente, a magreza ou a gordura dizem respeito à "minha magreza" ou à "minha gordura". Uma ou outra tem um sentido ekstático, ou seja, de um desvelamento de minha própria maneira de ser-no-mundo. (NASCIMENTO, 2016, p. 104-105)

Assim sendo, "fenomenologicamente, a vivência do próprio corpo está estreitamente ligada à vivência do sentimento, dos impulsos, da consciência do eu." (JASPERS apud AZEVEDO e CAMINHA, 2015, p.17). De acordo com o que Henry (2012) dimensiona em sua fenomenologia do corpo, o corpo afetivo, vivido, se ancora em si próprio e abarca como essência e tendência, uma singularidade em tons de palavra, que conferem nos atos transcendentais um envoltório para além de suas vestimentas de pele, que não cabem medidas, e, sim, vivências expressivas de um 'eu' em constituição.

Segundo Merleau-Ponty, o corpo é:

(...) a origem de todos os outros (espaços expressivos), o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 202)

Não há como escapar da facticidade da vida, pois um corpo que é vivenciado como uma morada e um habitar, extrapola sua funcionalidade e existencialidade quando tangencia um horizonte no 'entre' e no seu dever no mundo.

Em contexto, em situação e em movimentação, o homem, ainda que tenha no mundo uma experiência originária de inospitalidade, depara-se com a verdade de não haver destino pronto, e nem mesmo há como antecipar seu vir-a-ser, a não ser 'sendo'. Assim, diante da angústia e da liberdade, ele constrói o mundo humano e a si próprio com os outros, a partir de seu corpo e pele, que no encontro de peles, tem na palavra o início da intersubjetividade com vistas a transcender como propósitos de vida, em vida. (PRADO e CALDAS, 2012)

Um futuro ainda não sido, um corpo e pele, em mutação e significância e seus demais existenciais dimensionam o existir humano. (PRADO e CALDAS, 2012) Esse propósito só se justifica considerando-se as possibilidades de transcendência, que são de responsabilidade do homem, mas que não o excluem da tônica de um mundo de imersão hipermoderno. "O homem existe instaurando mundo, como abertura constitutiva de mundo e clareira dentro da qual os entes desvelam seu sentido". (NASCIMENTO, 2016, p.100)

Pele e corpo não podem ser tomados como um simples nexos causal meramente explicativo, a pele tem sua função de encobrimento fisiológico, mas de modo *sui generis* e metafórico, a mesma reveste e inscreve a identidade e uma transcendência plástica e de significância do ser, que a sobrepõe, inclusive, em suas manifestações fenomênicas e existenciais.

Em *Outras palavras em psicopatologia* Magnabosco (2017) denuncia que o testemunho das subjetividades via palavra, gesto, escrita, pintura e outros mostram o quanto há de perder o homem, quando alienados apenas reproduzirem discursos, distanciando-se das possíveis transformações que precisam acontecer e serem enunciadas.

A ideia da palavra mal-dita por vezes inscreve um adoecer que pode reafirmar uma representação dominante de um estado de mal-estar e de medidas de vida que o mundo (hipermoderno) intenciona que o ser habite. Para além desse 'habitar' que metaforicamente mais parece um aluguel e um inquilinato aprisionador da singularidade e um obscurecimento das alteridades, é preciso "... desconstruir-construindo os significados determinantes e taxativos do que deve ser a corporeidade..." (MAGNABOSCO, 2017, p. 83) e outros existenciais.

O transcender uma pele, de novo metaforicamente alude a uma ideia e expectativa de esperança, pois se o próprio homem, na relação de constituição de si mesmos, no 'nós' tenta aprisionar o homem, há que se considerar que o 'ainda não'

é uma tentativa solitária e ontológica de constituir-se 'são' e único em meio aos ditames do mundo.

A ideia do transcender realmente demonstra o estar acima do vulgo, pois a própria fugacidade e efemeridade das coisas ao redor do homem tangencia e tenta manipular esse encontro do devir íntimo com o devir fático da vida em sociedade. Essa dialética sempre pedirá por transcendências como modo de instauração de vidas e modos de ser do homem que não podem se perder em seus próprios corpos, por isso 'a transcendência da pele', o início do início.

3 METODOLOGIA

Como desenho inicial de pesquisa, o recorte epistemológico escolhido foi a perspectiva fenomenológico-existencial, a título de se fazer uma análise fenomenológica sobre o tema. (VASCONCELOS, 2011). Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa bibliográfica exploratória como parâmetro metodológico e suporte para análise do filme e sua discussão.

Como pano de fundo, optou-se a usar uma análise qualitativa sobre os dados conceituais discutidos e apresentados na literatura, em conjunção com uma análise fenomenológica.

Feijoo (2018) mostra o quanto esta análise pode se afastar dos ditames metodológicos acadêmicos, mas que, ao passo de uma leitura fenomenológica podem desvelar o que do método, por vezes, não se discute efetivamente, que seria o caminho e o caminhar andando juntos para a construção de uma releitura da realidade.

Sendo um ensaio breve, a pesquisa bibliográfica foi fonte de levantamento de literatura para a revisão. Essa, por sua vez, viabilizou ter acesso a artigos, livros e teses que discutiam sobre corpo, afeto, hipermodernidade e outros conceitos afins, cujas inter-relações tornaram-se possíveis a partir do material selecionado. (SILVA e MOTTA, 2017)

A princípio, partiu-se de uma preleção de artigos subdivididos em critérios de escolha, como: a) artigos afins e contemporâneos b) o uso dos descritores/palavras-chave: corpo/corporeidade, afeto e hipermodernidade como sendo de primeira ordem, e a perspectiva fenomenológico-existencial como de segunda ordem; c) leitura dos resumos que fossem correlatos ao recorte de pesquisa proposto. Na sequência, tais artigos foram selecionados e lidos na íntegra, e outros textos com saberes afins, bem como livros, igualmente acrescentados ao corpo teórico de base para posterior análise e reflexão necessárias.

Para esta preleção as bases de dados a serem consultadas foram: a Biblioteca Virtual de Psicologia – Bvs-Psi, Scientific Electronic Library On line – Scielo, e o Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia – PePSIC.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desse texto, há que se considerar o corpo e sua pele, transcendente a si mesmo, já em sua funcionalidade ampla e múltipla ao ser, desde sua capacidade envoltória e sobremaneira fisiológica até uma essência que subjaz aos sentidos que daí pode emanar.

O corpo ao ser corpo e se fazer corpo, dotado de pele, de novo tomada aqui como viçosa, não por aspectos de beleza, mas, por contemplar o âmago de uma existência, tem como prerrogativas existenciais um 'para além' de uma sobrevivência com vistas à ascendência, por isso transcendência.

Voltando-se à origem do início, o ser de abertura em acontecimento coincide em seu originar-se com a perspectiva de transcendência, partindo-se do corpo vivido e afetivo, e que pela sagacidade e perspicácia, dá ao ser, a possibilidade de iniciar-se e se dispor a medidas de existencialidade, cujo preenchimento em essência e identidade sobrepõe e dispõe uma amplitude em exercício e em ato de expansão contínua.

Como princípio fundamental de uma existência articulada ao mundo, o ser-no-mundo, influenciado e entrecortado por esse, aqui demonstrado, em especial, o mundo hipermoderno, não consegue apenas, e, nem se depreende de uma fronteira que o envolve, fecha e o delimita restringindo-o; pelo contrário, como ser em construção, e, que transcende a si mesmo, se constitui nas tentativas e nos modos de ser que inaugura o 'um' em meio a tantos outros 'uns'.

A corporeidade compreendida como corpo-consciência parte da pele que respira para a troca efetiva das vivências de desvelamento e de preenchimento de sentidos, identitários inclusive. Esses, por sua vez, tentam persuadir o homem a ser o que se é e a vir-a-ser o que deseja e escolhe para si, por isso transcendente ao que a pele assegura ao corpo e à morada do ser em sua interioridade. A busca disso recai sobre a tentativa de ser a pele, o corpo, a existência, uma roupagem ou roupagens cujos modos íntimos se apresentam em versatilidade e medidas de existencialidade próprias ao autêntico movimento do 'ser' ao singularizar-se de modo genuíno e ímpar.

Em meio aos ditames e exigências sociais de um individualismo nas vivências e nas relações que podem se comprometer o corpo, que não é constante e

impermanente, encontra-se preso por essa lógica social e cultural de consumo e de ajustamento a modelos que não consideram a intimidade dos mesmos.

O grande desafio na hipermodernidade é viver e conviver com as alteridades, cujas identidades, por vezes, sofrem solicitações de massificação ou de adequação às justas medidas imputadas à vida e aos corpos.

Transcender e ser si-mesmo em tempos hipermodernos, em que esses se referem à permanência e a constância de identidades encapsuladas e esvaziadas de sentido, e ainda a tonalidade afetiva constitutiva de cada ser, tem como consequências e desdobramentos que incidem sobre diversos adoecimentos e neuroses que se tornam atemporais.

Por isso mesmo, pensando-se em termos de temporalidade do ser, a questão da transcendência da pele também pode ser (re)configurada e narrada na abertura própria do ser ao apontar para o 'para-si' acontecendo nesse dado mundo, demonstrando inclusive as possibilidades reais e ontológicas das novas (re)estruturações de subjetividades e dos corpos, que não é neutra ao mundo de imersão, mas que subverte e autentica sua ontologia em transcender.

REFERÊNCIAS

A PELE QUE HABITO. Direção de Pedro Almodóvar. Roteiro: Pedro Almodóvar; Augustin Almodóvar. Espanha: El Deseo, 2011. (115 min.), son., color. Legendado.

ALVES, Priscila Pires; MANCEBO, Deise. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia (natal)**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.45-52, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2006000100006>.

AZEVEDO, Denis de Souza; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. SER NO MUNDO, MUNDO VIVIDO E CORPO PRÓPRIO SEGUNDO MERLEAU-PONTY. **Dialektiké**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.15-37, 26 jun. 2015. Instituto Federal de Educacao, Ciencia e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). <http://dx.doi.org/10.15628/dialektike.2015.3009>.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Martins Fontes. 1970.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLO, Angela Ales (Org). **Fenomonologia e ciências humanas: psicologia, história e religião**. Trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BONILHA, Luiz Edmundo Pinto. **A fenomenologia do corpo e subjetividade em Michel Henry**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Santa Maria – UFSM: Rio Grande do Sul. 2017. 49p.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; AZEVEDO, Débora Candido de. Um estudo fenomenológico sobre o filme “A pele que habito”. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 6, n. 11, p.280-327, ago. 2018.

CRITELLI, Dulce. **Propósitos e Liberdade**. Coluna Outras ideias, Folha equilíbrio. Folha de São Paulo: 24-01-2008.

DICIONÁRIO Aurélio de Português Online. [s.l.]. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Editorial: A pesquisa Qualitativa em Psicologia Clínica. **Revista Pesquisa Qualitativa**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 6, p.3-6, ago. 2018.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. São Paulo: Vetor, 2000.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. A constituição ontológico-existencial da corporeidade em Heidegger. **Síntese: Revista de Filosofia**, [s.l.], v. 37, n. 117, p.107-123, 6 maio 2010. Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia – FAJE. <http://dx.doi.org/10.20911/21769389v37n117p107-123/2010>.

FERREIRA, Maristela Vendramel. O corpo em Michel Henry: da afecção para a corporeidade. **Diaphora**: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p.40-45. 2015. Seção 2 Dossiê.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GIOVANETTI, José Paulo. Pós-modernidade e o vazio existencial. In: CASTRO, Dagmar Silva Pinto de et al (Org.). **Existência e Saúde**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002. p. 91-100.

GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia antropológica**: as contribuições de Biswanger e Gendlin. Belo Horizonte: Spes Editora, 2018.

GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia fenomenológico-existencial**: fundamentos filosófico-antropológicos. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017. 130p.

HENRY, Michel. **Filosofia e fenomenologia do corpo**: ensaio sobre a ontologia Biraniana. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Realizações Editora, 2012. (Coleção Filosofia Actual)

LIPOVETSKY, Gilles. CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004. 129 p.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. SANTIAGO, Marilene de Lourdes. **Evocações do existir**. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2018.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Outras Palavras em psicopatologia**. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2017.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Psicologia e psicoterapia existencial**: por uma re-significação das relações humanas na contemporaneidade. In: GIOVANETTI, José Paulo. (Org.) **Psicologia clínica e Psicoterapia**. Belo Horizonte: FEAD, 2013. 188p.

MAURI, Renato Garibaldi. **Os Afetos na Fenomenologia do Corpo de Michel Henry**. CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FACULDADES EST, 3., 2016, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016. p.238-246.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORRIS, Katherine J.. **Sartre**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Tradução de Edgard da Rocha Marques.

NASCIMENTO, Crisóstomo Lima do. **O Homem e o Corpo na Perspectiva do Dasein**: a Concepção do Dasein e a Psicossomática em Medard Boss. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2016.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. 800 p.

PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 18, n. 1, p.43-51, jun. 2012.

POMPEIA, João Augusto. SAPIENZA, Bilet Tatit. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. São Paulo: Educ, 2004.

PRADO, Rafael Auler de Almeida; CALDAS, Marcus Tulio; QUEIROZ, Edilene Freire de. O corpo em uma perspectiva fenomenológico-existencial: aproximações entre Heidegger e Merleau-Ponty. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 32, n. 4, p.776-791, 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932012000400002>.

REHFELD, Ari. Corpo e corporeidade: uma leitura fenomenológica. **Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo**, São Paulo, 2004.

ROGERS, Carl R.. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Tradução: Manuel José do Carmo Ferreira e Alvar Lamparelli. Revisão técnica: Cláudia Berlíner.

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Do desabrigo à confiança: daseyanalyse e terapia**. São Paulo: Escuta, 2013.

SARTRE, Jean-paul. **A Transcendência do Ego: esboço de uma descrição fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2013. Introdução e notas: Silvie Le Bom. Versão para Kindle.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; RÊGO, Mariana Oliveira do; MONTEFUSCO, Érica Vila Real. O corpo idealizado de consumo: paradoxos da hipermodernidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p.137-165, mar. 2010.

SILVA, Jéssica Vieira de Sousa; MOTTA, Hinayana Leão. Comportamento suicida: uma revisão integrativa da literatura. **Educação, Psicologia e Interfaces**, [s.l.], v. 1, n. 2, p.51-67, dez. 2017.

SILVA, I.L. e; BERESFORD, H. de Diferentes visões de corpo ao corpo existencial: uma perspectiva em Merleau-Ponty. **Fitness & Performance Journal**, v. 5, n.3, p. 172-176, 2006.

OLIVEIRA, Beatriz Acampora e Silva de. **Tonalidade afetiva e compreensão de si segundo a analítica existencial de Martin Heidegger**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – Uenf, Campos dos Goytacazes, 2006.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZILLES, U. **Teoria do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2003.